

26.

IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR DE TAROUQUELA



Rua de Santa Maria
Maior, Tarouquela
Cinfães



41° 4' 10.83" N
8° 11' 16.55" O



918 116 488



Sáb. 15h30/17h (inv./
ver.); dom. 9h30



Santa Maria Maior
5 agosto



Monumento Nacional
1945



P. 25



P. 25



x

A importância histórica de Tarouquela, em Cinfães, é hoje apenas assinalada pelo remanescente eclesial do que constituiu um dos primeiros mosteiros femininos da ordem de São Bento a sul do Douro. A sua origem, em meados do século XII, associa esta casa monástica a um casal, Ramiro Gonçalves e sua esposa, D. Ouruana Nunes, que adquiriram uma herdade que fora de Egas Moniz (1080-1146), dito o Aio, e sua mulher. Nela fundaram um novel mosteiro que o bispo de Lamego reconheceu em 1171 e que os seus descendentes confirmaram. Embora Tarouquela seguisse inicialmente a regra de Santo Agostinho, com D. Urraca, filha de Egas Moniz de Ortigosa, alterou-se o hábito e as monjas passaram a professar a regra beneditina. Gerido por dinastias de abadessas, a história deste mosteiro cruza-se com a das famílias mais notáveis da região. A influência dos Resendes deixou-se de sentir quase simultaneamente em Tarouquela e em Cárquere (Resende) (p. 121), onde jaz sepultado Vasco Martins de Resende, sobrinho de D. Aldonça, abadessa documentada na passagem do século XIII para o XIV e que foi uma das mais ativas, com um longo período de gestão que lhe

permitiu dispor de bens dentro do seu círculo familiar. É natural que com a cessação da influência dos Resendes, o abadessado fosse parar às mãos de familiares e padroeiros do mosteiro, ainda que temporariamente. No século XIV, encontramos Tarouquela nas mãos dos Pintos, de Ferreiros de Tendais. A partir do século XV, as sobrinhas sucedem às tias, mantendo o poder numa família muito ligada às elites urbanas do Porto.



É, neste contexto, que devemos entender a escultura em médio relevo da Virgem entronizada amamentando o Menino Jesus, datada de cerca de 1500 e proveniente de uma oficina de Bruxelas (ou produção de Malines). Nesta representação de Santa Maria, a Maior, colocada sobre mísula no retábulo-mor (lado do Evangelho), junta-se ao hieratismo medieval da posição majestática um virtuosismo que parece apelar à piedade moderna.

O século XV é já o período de canto do cisne do mosteiro. Além do seu caráter intrinsecamente familiar, do seu isolamento físico e da sua dimensão, nota-se algum desmazelo por parte das monjas tarouquelenses. As abadessas quebravam muitas vezes os votos celibatários e agiam conforme os seus interesses pessoais. Em 1535 instala-se em Tarouquela uma regedora (a abadessa de Arouca, D. Maria de Melo) para serenar os ânimos de-



AS ABADESSAS DE TAROUQUELA

Da lista possível das abadesas de Tarouquela, que passamos a elencar, conhecemos alguns períodos de maior ou menor atividade, dada a documentação disponível e a sua ligação às elites locais e regionais (sempre condicionantes das relações do mosteiro aos vários poderes). Nesse sentido, são quase perceptíveis, a partir dos apelidos das madres, as várias fases do domínio de certas linhagens sobre Tarouquela.

Urraca Viegas (documentada com certeza até 1198); Maior Mendes (documentada entre 1255-1278); Aldonça Martins de Resende (documentada entre 1291-1349); Maria Martins de Moreira (documentada em 1357); Brites Gonçalves Pinto (documentada em 1445); Catarina Pinto (documentada entre 1473-1495); Leonor Pinto (documentada entre 1497-1506); Beatriz Pinto (documentada entre 1507-1531); Maria Ribeiro (documentada entre 1534-1536) e Maria de Melo (última abadesa de Tarouquela e primeira de São Bento de Avé-Maria do Porto).

ALDONÇA MARTINS DE RESENDE

O caso mais flagrante é o de D. Aldonça Martins de Resende, documentada entre finais do século XIII e os primeiros anos do século XIV. Os nobiliários imputam-lhe duas ligações amorosas, uma com Vasco Pinto (que parece não se confirmar) e outra com Rui Martins do Casal, trovador, de quem teve duas filhas legitimadas por D. Dinis (r. 1279-1325).

rivados da vontade régia de extinção do mosteiro e preparar a transição para São Bento de Avé-Maria, no Porto. Este mosteiro, fundado em 1514 por D. Manuel I (r. 1495-1521), fora construído para reunir num só lugar as monjas de diversos institutos femininos.

A história de Tarouquela explica-nos bem os testemunhos artísticos que as várias épocas nos legaram nesta Igreja que foi monástica. Embora a fundação do mosteiro de Tarouquela remonte ao século XII, os testemunhos românicos que restam na Igreja apontam-nos para uma cronologia mais recente, já de inícios do século seguinte. A par destes, uma inscrição reaproveitada no cunhal sudeste da torre sineira, que nos indica a Era de César de 1252 (ou seja, o ano de 1214), corrobora esta cronologia. Pensa-se que esta estaria inicialmente na capela-mor,

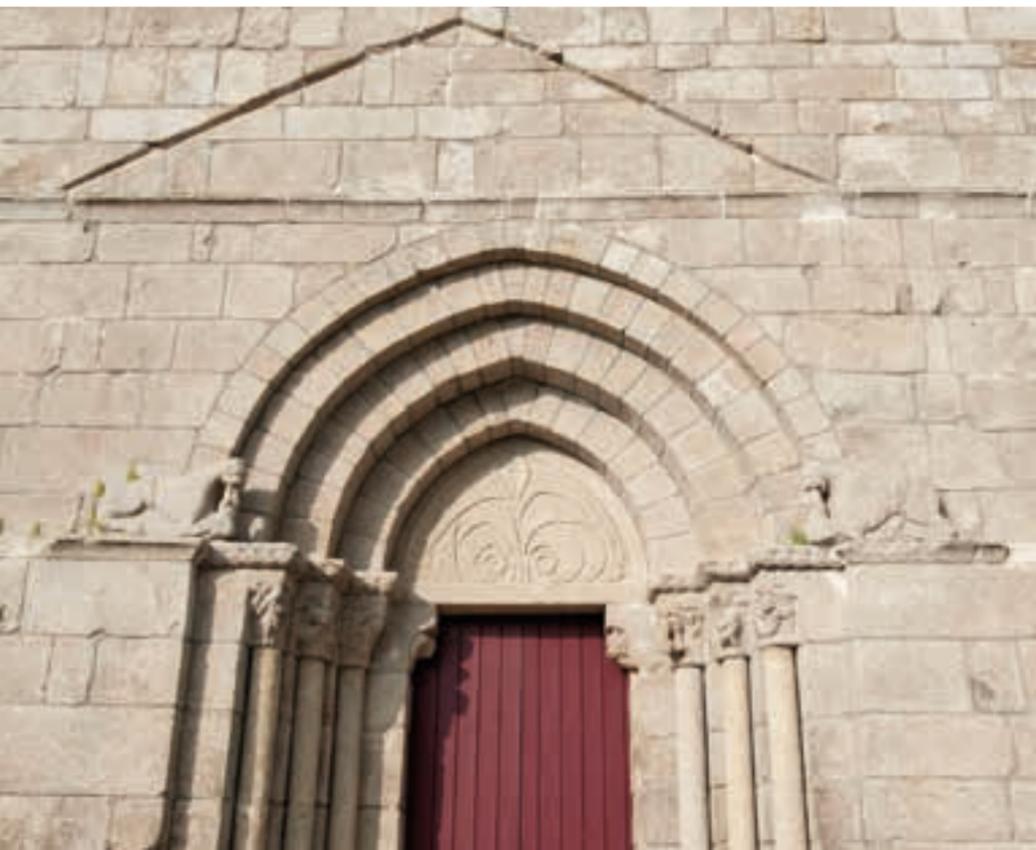
onde ainda se vê um “E”, no espaço entre o primeiro contraforte do lado norte e o arranque da parede da nave.

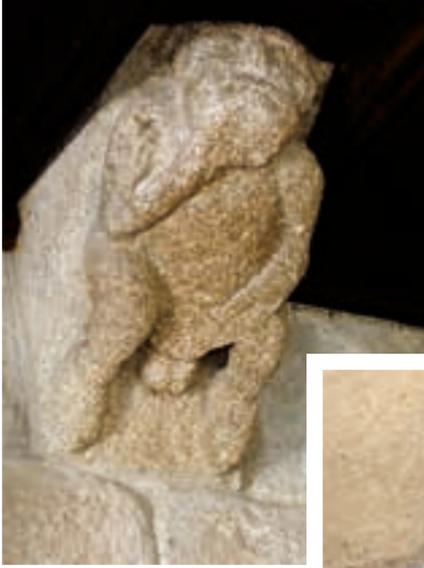
A edificação da Igreja românica foi talvez iniciada pela abadesa que terá introduzido a regra de São Bento em Tarouquela. A cabeceira desta Igreja fala-nos de um românico sedimentado. Nela se conjugam diversas correntes plásticas que dão corpo a um dos melhores exemplares da arquitetura da época românica em território português. Apesar de ter sofrido um acrescento no século XVII ou XVIII (para acolhimento do retábulo-mor), que aproveitou os silhares românicos, conforme denunciam as siglas visíveis no exterior, a densa ornamentação românica que subsiste é um bom testemunho da riqueza decorativa, indígena, densa, volumosa e com os aspetos barroquizantes que a estética românica alcançou entre nós.

Interiormente, a Igreja apresenta dois níveis de ornamentação, compostos por arcadas-cegas. As frestas são decoradas no interior e no exterior. Imperam as temáticas de origem beneditina: os animais antitéticos, os dois homens com uma só cabeça, as serpentes, o tema da sereia e o tema do homem entre duas aves, além, naturalmente, das palmetas bracarenses e de toda uma gama de motivos de natureza geométrica. Estes temas, absorvidos e representados por artistas autóctones assumem um claro sabor regional. Desta época deve apreciar-se o altar de sacração, com o respetivo tabernáculo na parte superior, colocado numa das arcadas cegas românicas, no lado da Epístola. Digna de nota é a temática do arco triunfal: animais pouco modelados e carregados

de grafismo fazem-se representar uniafrontados em cada uma das aduelas. O tema das *beak-heads* surge pela primeira vez num arco triunfal e, em vez das tradicionais cabeças de pássaro, temos aqui cabeças de lobo.

Enquanto Casa de Deus que é, os mentores desta Igreja monástica procuraram, através dos cachorros, representar as fraquezas humanas, conforme vemos num cachorro da abside, abrigado pela capela gótica de São João Baptista. Neste cachorro está representado o tema do *exibicionista*, homem acororado que segura os seus órgãos genitais, enquanto no alçado oposto há uma representação feminina com o sexo evidenciado (o mesmo modelo aparece num cachorro da Capela de Fandinhães (p. 143), no Marco de Canaveses).





A nave foi construída em data muito próxima. Veem-se cruzeiros de sagração ao longo das suas paredes. E, se a estética dos seus portais laterais é mais simples, o mesmo já não podemos dizer da composição do portal principal, considerado um dos mais curiosos exemplares portugueses. Mais do que os seus capitéis ou da figura hercúlea que ao modo de atlante forma uma mísula que sustenta o tímpano com flor-de-lis (símbolo mariano) aberta em sulco, têm sido os chamados *cães de Tarouquela* que mais atenções têm chamado a si. Colocados sobre as impostas, de cada lado do portal, podem ser descritos como dois quadrúpedes de cujas mandíbulas pendem corpos humanos nus, presos pelas pernas. De evidente caráter protetor, para repulsa do mal, testemunham uma vontade de afastar as forças malignas.

A capela funerária de São João Baptista foi instituída por Vasco Lourenço entre 1481 e 1495, ao tempo do reinado de D. João II (r. 1481-1495). Com cachorros de proa a sustentar a cornija e o portal principal ornado nas suas arquivoltas, não deixa contudo de se integrar naquilo a que se tem vindo a chamar de “gótico rural”. Enquanto capela funerária que é, tem sepulturas rasas ao nível do pavimento e, até 1980, guardava as três arcas sepulcrais que atualmente se podem apreciar no seu exterior. São sarcófagos monolíticos em granito com tampa definindo duas águas. Sem qualquer inscrição, ostentam, no entanto, símbolos alusivos a quem nele foi sepultado: uma espada, pés de milho e um báculo de abadessa.

ESCULTURA DE TEMÁTICA BENEDITINA

O portal sul apresenta uma estrutura idêntica ao principal, embora com tímpano liso, aqui suportado por duas aves (um mocho e um pelicano). Os capitéis mais bem conservados são de excelente execução. Simplificados, os motivos foram extraídos do repertório da arte românica beneditina: duas aves debicam de uma mesma taça na esquina do capitel, duas serpentes enrolam-se ou, então, dois quadrúpedes lutam com uma serpente. Nas impostas encontramos o motivo que Joaquim de Vasconcelos identificou com o "N.º 6 - elyphes e círculos em movimento duplo; corda" na sua obra *A arte românica em Portugal...*



Abandonado o complexo monástico, Tarouquela passou a constituir uma simples Igreja do padroado de São Bento de Avé-Maria (Porto). Do antigo complexo apenas sobreviveu a Igreja. Embora a imagem atual do interior da Igreja derive em grande parte de uma intervenção de restauro realizada na década de 1970, a verdade é que esta Igreja chegou a ter cinco altares.

Hoje, apenas apreciamos o maior e um outro, na nave, do lado norte, ambos dentro da estética barroca. Enquanto memória dos outros três, temos, além das fontes documentais, as imagens que se apreciam sobre simples mesas de altar que poderíamos classificar de colaterais.

